

Ruína ideológica

Não fica pedra sobre pedra da obra dos intelectuais esquerdistas analisados nos ensaios do filósofo inglês Roger Scruton

EDUARDO WOLF

No fim da década de 70, enquanto o grupo comunista Khmer Vermelho assassinava sistematicamente e brutalmente a população do Camboja, intelectuais e acadêmicos das principais democracias ocidentais louvavam as virtudes de Pol Pot e seus seguidores. O celebrado linguista americano Noam Chomsky ridicularizou os relatos de massacres perpetrados pelo grupo — e, nas décadas seguintes, continuou afirmando que seu julgamento fora “acertado diante das informações disponíveis”. A disposição de tudo tolerar em nome do combate ao capitalismo seguia firme no fim dos anos 1980: depois da derrubada do Muro de Berlim, não foram poucas as vezes da esquerda que lamentaram o desaparecimento de uma “alternativa ao capitalismo”. Pouco importava que a alternativa fosse um Estado totalitário. Foi nesse contexto que o filósofo inglês Roger Scruton escreveu os ensaios que compõem *Pensadores da Nova Esquerda* (tradução de Felipe Garrafiel Pimentel; É Realizações; 336 páginas; 54,90 reais), lançado em 1985 mas só agora traduzido no Brasil. Publicados originalmente na *Salisbury Review*, revista conservadora que Scruton editou, os textos examinam catorze pensadores identificados com o que se convencionou chamar de “nova esquerda”.

Alguns dos autores discutidos por Scruton, como o psiquiatra R.D. Laing, exerceram pouco impacto fora do mundo anglo-saxão. Outros tantos, como o economista americano J.K. Galbraith, tiveram seu prestígio reduzido depois da morte. Ainda assim, Scruton apresenta um panorama coerente do pensamento de intelectuais à esquerda no espectro político, sejam eles de corte liberal e não marxista, como o filósofo e constitucionalista americano Ronald Dworkin, sejam herdeiros de tradições

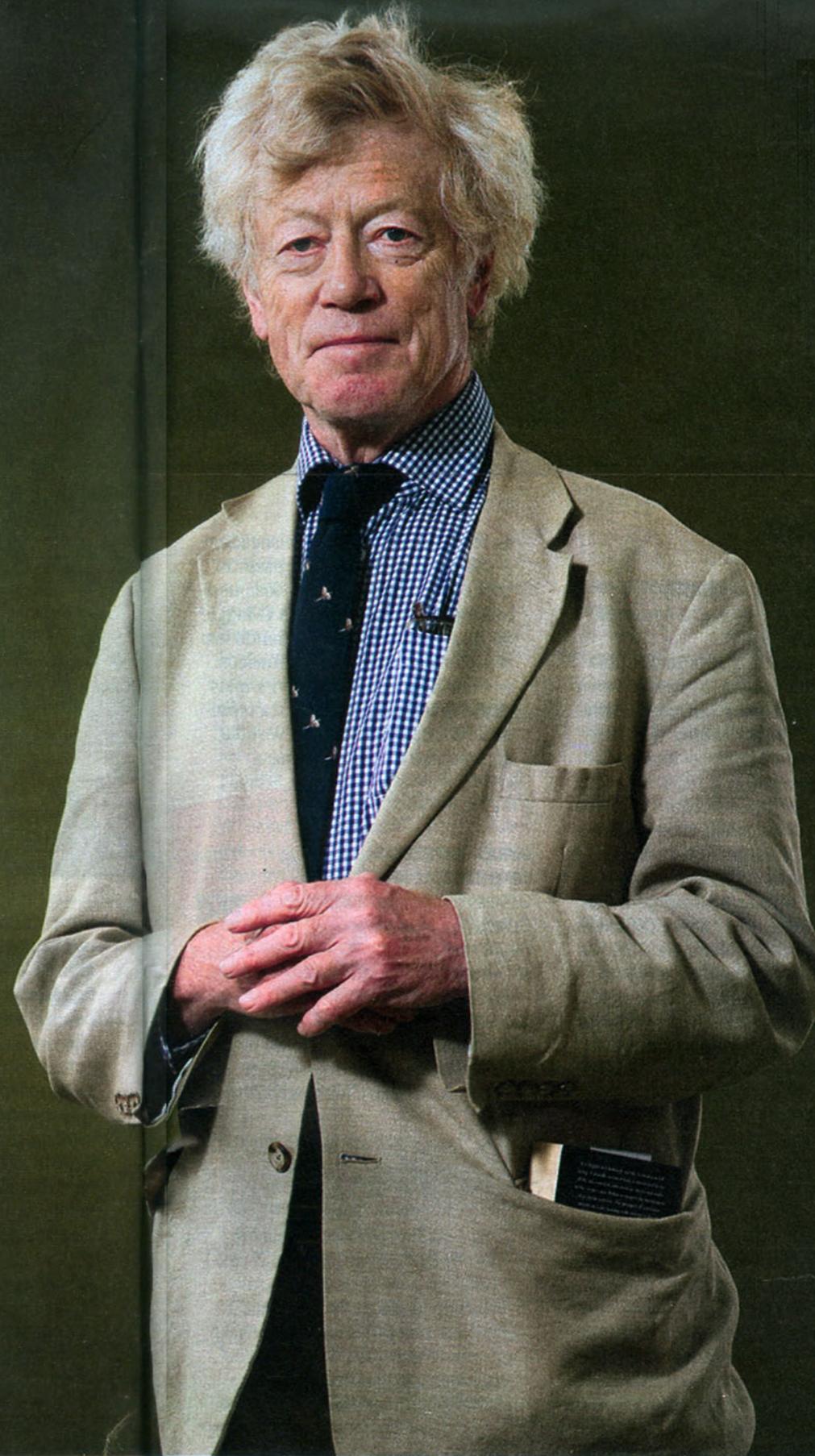
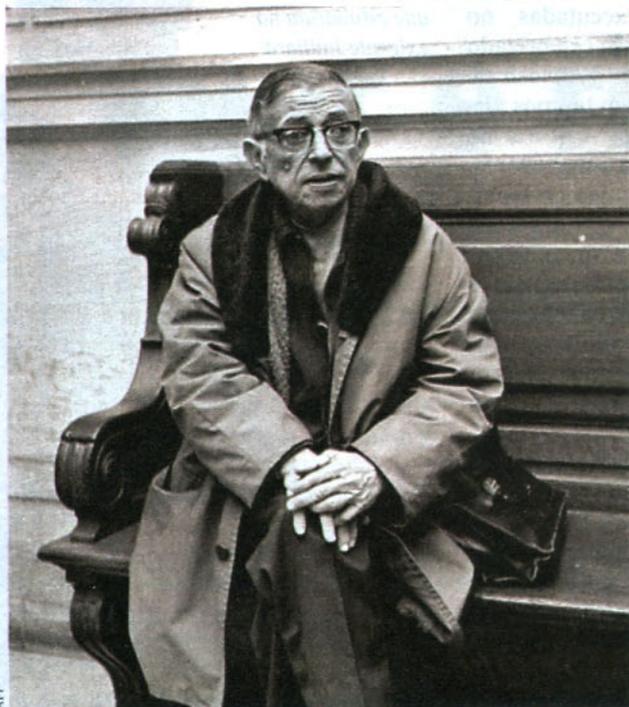
mais próximas a alguma variedade de marxismo, como o historiador britânico Perry Anderson ou o filósofo alemão Jürgen Habermas. Não bastasse esse mérito intelectual nada desprezível — conferir certa unidade não artificial a autores tão distintos —, o livro carrega uma triste marca de atualidade: um bom punhado das ideias e dos autores esquerdistas nele examinados ainda anima um estilo de pensamento anêmico de conteúdo e vitaminado de doutrina que segue dominante nas áreas de humanidades da academia e na vida intelectual no Brasil.

Scruton documenta com precisão alguns pressupostos comuns da esquerda, velha ou nova. Ao analisar o historiador marxista britânico E.P. Thompson, ainda que reconhecendo as virtudes de sua obra clássica, *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Scruton registra fartamente a convicção de Thompson de que estar do lado da luta



DOUTRINA MESSIÂNICA

Scruton (à dir.) e um dos seus alvos críticos, Sartre (abaixo): vergonhoso silêncio sobre montanhas de cadáveres



socialista é uma atitude “moralmente irreprochável”. Esse veneno se estenderá a quase todos os intelectuais examinados no livro: encontraremos no italiano Antonio Gramsci a tese segundo a qual o intelectual de esquerda, “verdadeiro agente da revolução, tem o direito de legislar sobre o homem comum”. Essa linha de pensamento explica tanto o orgulho com que o crítico literário húngaro György Lukács contemplava, já em idade avançada, seu feito “heroico” de ter ajudado a varrer a universidade húngara de professores não comunistas quanto a abjeção do francês Jean-Paul Sartre, que somente no fim de seus dias admitiu abertamente ter mentido sobre a União Soviética e as atrocidades que comprovou para além de qualquer dúvida quando lá esteve em 1954. A força messiânica da doutrina conduz alguns desses intelectuais ao ódio — Lukács afirma que é “impossível ser humano na sociedade burguesa”, o que explica a facilidade com que desconsiderava os cadáveres acumulados na “construção do socialismo” — e à permanente falsificação da realidade. Há um constante desprezo às evidências empíricas, mesmo nos autores claramente dissociados das vertentes autoritárias da esquerda, como Dworkin e Galbraith — poucos chegando, é claro, às raias do delírio poético em seu ódio à “sociedade burguesa” como o francês Michel Foucault.

Algo permaneceu de todo o alarde em torno das ideias desses pensadores? A impiedosa mas sóbria análise de Scruton mostra que sobreviveu apenas aquilo que, nesses autores, pouco ou nada devia a seu esquerdismo (especialmente o de tipo marxista). O resto são as ruínas da soberba moral fornecida pela ideologia, do desprezo pelas instituições democráticas e do fascínio pela violência. É dessas ruínas que, vez ou outra, ouvimos os gritos dos doutrinares repletos de ódio autoritário contra a democracia “burguesa”, as liberdades individuais e o inteiro sistema capitalista. Mas é também nelas que se escondem os milhões de cadáveres que esses mesmos doutrinares, em épocas passadas, ajudaram a ocultar. Sobre esses mortos, o intelectual da nova esquerda não deixou mais do que um terrível e constrangedor silêncio.